

DESIGN DECOLONIAL E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO DA MODA – Por Rodrigo Tremembé.

A presença Indígena em espaços da moda na sociedade da região nordeste é um ato de resistência, haja vista, todo um processo de apagamento e tentativa de etnocídio na região durante o período colonial. Por muito tempo nos foram negados os direitos e tampouco se via a valorização da cultura de Povos Indígenas em locais de destaque, desse modo, a moda Indígena veio para mim como um arco e flecha que mira no preconceito, na discriminação e no racismo contra Povos Indígenas. Ela me permite fazer uma simbiose, costurando o moderno ao ancestral, onde as roupas mais que vestir corpos, também vestem mentes e contam histórias. Ocupar espaços se faz necessário, nossas roupas não falam, mas diz muito sobre quem somos, através delas podemos ressignificar o ato de vestir.

O Design de moda Indígena assume um papel regenerativo em contraposição a indústria da moda atual, que é a segunda maior poluidora do planeta, e um sistema majoritariamente dominado pelo incentivo ao consumo desenfreado, onde as roupas são meros objetos descartáveis. É preciso olhar para roupas como extensões de nossos corpos, pois elas refletem nossa identidade.

O que viemos presenciando nos últimos séculos no mundo da moda no Brasil são reflexos de uma crise identitária provocada pelo colonialismo eurocêntrico, heteronormativo e cristão, e uma expressiva indústria massiva de *fast fashion* que vem ocasionando problemas ambientais gravíssimos. Por isso é necessário questionarmos, enquanto criativos indígenas a inserção de uma moda mais “verde” e lenta, que valorize a cultura nacional, seus contextos e suas mais variadas especificidades.

A moda Indígena é um dos possíveis caminhos para essa cura que tanto precisamos, ela é capaz de transmitir a pajelança da cultura originária. Grafismo e Pinturas que são sagradas, carregadas de simbologias e significados trazem

de volta a ancestralidade e nos fazem sentir os pés na chão novamente, caminhando levemente sobre a terra que é nossa mãe.

O design decolonial diz respeito a essa capacidade de visualizar a cultura de Povos Originários não apenas como elementos de apreciação estética, mas como algo que faz parte de nós desde muito antes dessa ideia eurocêntrica de nos “invadir” através do ato de vestir. Bem antes dessa ideia egocêntrica e colonial em vestir corpos Indígenas, nós já nos vestíamos, só que com nossas pinturas corporais, elas são nossos símbolos maiores de proteção e reforçam nossa identidade. Sendo assim, podemos refletir que o sagrado, o antigo também pode ser novo através do ato de ressignificar. A moda Indígena é como um arco e flecha: quanto mais você estica pra trás mais ela tem a capacidade de ir longe em busca de alvos assertivos. O futuro da moda é ancestral.

Poder ocupar espaços através da minha arte, da arte de meu povo Tremembé é garantir a perpetuação de uma Cultura milenar. É poder demarcar espaços além dos territórios físicos da minha aldeia.

A arte e ativismo andam lado a lado em minhas roupas, as peças são carregadas de simbologias e significados e expressam toda cultura do povo Tremembé. Moda, design e arte são oportunidades de ampliar vozes em busca da garantia e promoção de direitos. Através da minha voz eu ocupo e amplio a identidade dos povos Indígenas.

O vestir é um ato político. Que história suas roupas contam?



Designer de Moda Indígena Rodrigo Tremembé. Aldeia Córrego João Pereira. 2022.



Rodrigo Tremembé, Evento de moda "Trama Afetiva – Novos Ventos." 2022. Foto: Jackson Araújo.



Rodrigo Tremembé, desfile evento “Povos do Mar & Herança Nativa.” 2022.



Rodrigo Tremembé, Exposição "Sussurros Ancestrais", 2022.



Rodrigo Tremembé, Exposição "Sussurros Ancestrais", 2022.



Vestimenta "Urupema" de Rodrigo Tremembé, exposição "Tempo Presente em Nós: Design, Memória e Inovação." 2022.